

Redacção, Administração e Tipografia
ALCADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

DEP. LEG.
Director: MARIO CASTELHANO
Editor: SILVINO NORONHA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 23550; Africa Portuguesa, 6 meses 66500; Estrangeiro, 6 meses 102500
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2494 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA QUARTA FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 1927

Novos aspectos

Quem se desse ao trabalho de investigar profundamente as causas que agitam actualmente os povos, teria ocasião de observar os factos mais extraordinários sobre o problema prático e social de cada um, que dariam margem às conjecturas mais interessantes sobre o curso que aqueles seguirão em busca dum objectivo ainda por atingir.

O que, porém, não poderia deixar dúvida alguma na imaginação de quem tal tentasse realizar, era de que a humanidade luta incessantemente por emancipar-se de todas as situações que a têm amesquinhado e que os obstáculos interpostos aos seus justos desejos não conseguirão, senão aparentemente, fazer retardar uma marcha que mais violenta se tornará em presença desses empecilhos.

Os exemplos que nos possam apresentar, como forte argumento, a contrariar a dedução apontada, citando situações especiais estabelecidas em vários países, nunca poderão ser tomados à conta de casos invioláveis.

Pelo contrário. Essas situações produziram sempre através dos tempos, nas suas variantes manifestações, e continuarão produzindo, por muito que isto tenha de paradoxal, às mais profundas remodelações no seio das sociedades que constantemente vibram à procura duma posição, que lhes traga mais felicidade e bem-estar.

Não pode haver, pois, plausíveis razões para se querer fazer aceitar indefinidamente princípios opostos aos desejos e aspirações dos povos. Estes, quando muito, podem conservar-se silenciosos em determinados e especiais momentos, mas no espírito germinam-lhes sempre a rebeldia, filha do seu sofrimento.

Compulsai o que se tem escrito neste sentido, tudo quanto esteja baseado em factos concretos e inofensíveis e vereis a tendência natural da humanidade para libertar-se. Quer evitar-lo, seria o mesmo que interceptar a corrente dum rio para mais tarde ceder à sua violenta passagem a que os fragmentos dos obstáculos opostos dariam grande vulto.

Mas não será preciso ir muito longe na análise a estes factos, porquanto eles são dos nossos dias. Sentem-nos todos que acompanham, mesmo que superficialmente, o movimento da humanidade. Olhe-mos a China e, em relação ao seu atraso, nós constatamos um povo erguer-se e tornar-se mais cioso dos seus direitos.

Se atinge ou não as suas aspirações, será questão mais da insuficiência da sua visão, do que propriamente da sua vontade de lutar, reconhecendo ardente e revolucionariamente.

Se possível fosse esse numeroso povo ser convenientemente iludido, neste momento em que se debate contra situações extremamente humilhantes para a sua dignidade, e exige uma modificação parcial das instituições que o esmagam, das causas remotas e profundas do seu martírio, ele certamente não se contentaria em combater por essas problemáticas e mínimas melhorias e daria expansão à sua alma de explorado que desperta para a vida livre.

E para que citar mais povos, se todos eles se agitam em luta aberta pela sua independência moral, económica e social, se bem que por vários aspectos?

Desiludam-se aqueles que julgam poder evitar essa exteriorização natural, cujas consequências não-de-fatalmente produzem os seus efeitos, mais lentos ou mais rápidos.

Formam a guarda avançada desses povos, os trabalhadores. São eles os que sintetizam bem no fundo da sua alma, a dor de toda a humanidade sofredora. Serão eles, pois, como os exemplos passados demonstram, os melhores lutadores.

Reconhecer estas eloquentes situações e querer à força contrariá-las, não só é erro tremendo, como crime que a história registrará no futuro e que as gerações vindouras apreciarão detidamente.

Um apelo atendido

EM PLENO PARAÍSO

A situação do operariado no ano de desgraça de 1927

A carestia da vida, a crise de trabalho, a falta de habitação, a ausência de assistência hospitalar e a emigração, eis o quadro bem expressivo

O ano de 1927 nasceu com maus auspícios para o operariado. Esperar dele a felicidade para os que trabalham seria aceitar o inverosímil.

A crise de trabalho que de há muitos anos se faz sentir em todo o país é um dos mais graves prenúncios de um ano fatídico. De norte a sul estão encerradas centenas de oficinas e fábricas por falta de trabalho. E dessa paralisação irradiou um sem número de desempregados que clamam sua miséria na praça pública, que choram sua infelicidade nos tristes tugúrios onde se acoitam.

No Algarve a população assolada pelo flagelo emigrou em massa. Há pequenas povoações completamente desertas, onde só se encontram crianças. Os homens válidos fugiram ou foram procurar longe o que lhes faltava em casa: o pão.

Olhão, terra mártir e desgraçada, tem a fisionomia de uma cidade batida pelo vendaval do infortúnio. Há fome em todos os lares, há dor em todos os peitos. A crise de trabalho fez paralisar a indústria conserveira. Faltou o peixe, morreu a indústria e o comércio. E os seus naturais abalaram para paragens ignoradas: Ficaram apenas, com raras excepções, as mulheres e as crianças.

E é vê-las oferecendo seu corpo ao primeiro que passa, a troco de uns miseráveis escudos para matar a fome. Nas ruas mal iluminadas dessa vila surgem vultos de turbante vestida entregando-se numa atitude de desgraça.

Aspecto desolador

Em todas as terras do Algarve o aspecto é o mesmo. Há fome em todos os cantos. De extremo a extremo do litoral não se vive — vegeta-se. Morre-se lentamente sob o peso da mais brutal tragédia.

No Norte o quadro é o mesmo. Não foi a falta de pesca que cavou a crise do trabalho. O trabalho faltou determinado por outros factores que seria ocioso enumerar.

Todavia a crise toma aspectos graves. Os trabalhadores para fugirem aos seus efeitos emigra, afasta-se do convívio dos seus, abandona o lar, a família e os amigos.

Todas as semanas levantam ferro com destino à América centenas de famílias, acoissados pelo temporal da «chomage». Vão à sorte, entregues ao Destino, quantas vezes bastante ingrato e cruel.

A sorte lá bafeja-os tanto como cá. A miséria acompanhou-os e apraz-se em não largar. E o retorno já se principiou a operar. Há dias chegaram ao Tejo cerca de 200 portugueses que há meses embarcaram para a América. Estiveram lá durante meses. Tentaram romper a espessa neblina da Desgraça. Tudo inútil. A fome tem nessas terras os mesmos cambiantes de tragédia que em Portugal.

Porisso o regresso fez-se e os foragidos voltaram mais miseráveis do que foram. Rápida foi a sua desilusão. O país dos dólares ou a terra das patacas secaram as suas fontes de exploração. Vive-se tão mal nessas terras como cá. Disso se convenceram os duzentos emigrantes que foram ao Brasil em procura de trabalho.

O viver dos miseráveis

E os trabalhadores que não recorreram à emigração em que condições ficaram em Portugal? Os que têm trabalho equilibram-se com dificuldade na vereda em que a exploração dos comerciantes e industriais os colocou.

Mas os que não recebem há muitos meses um vintém, em virtude de não terem trabalho? Esses vivem horas horríveis. Não têm em que ganhar a vida. E os pequenos recursos de que dispõem—adquiridos quem sabe! com que dificuldades!—não cobrem um terço dos seus encargos de família.

O aumento do preço dos géneros, verificado dia a dia, agrava ainda mais a sua existência. O orçamento semanal não vence o índice do quadro de despesas.

Depois vem a tragédia da falta de habitação. O operário para viver tem que refugiar-se nos quartos que o *Diário de Notícias* anuncia todos os dias a preços de palácio. E ali, confundido na mais sórdida promiscuidade, passa as suas horas de inlábore em compungente tristeza.

Recorre ao hospital. Vai primeiro à Junta de Freguesia pedir o atestado de pobreza, que só ao fim de alguns dias vem. Com esse documento o infeliz dirige-se ao hospital de São José amparado pelos braços de sua companheira.

Mas mesmo ali a Desgraça não o abandona. O hospital está cheio. Não há vagas e o requerente não entra. E durante dias, no átrio daquele hospital, lê solta gemidos de desespero, lê ergue blasfêmias de indignação.

Um dia dá-se a ansiada vaga. O doente ingressa numa enfermaria e durante semanas sofre as consequências da miséria dos hospitais. Quando abandona o catre vem ainda mais doente do que entrou: sua alma vem lacerada, seu moral vem abatido.

Estes são os prognósticos do ano de 1927, que bem poderá classificar-se de ano de desgraça. O quadro é bem expressivo: crise de trabalho, carestia da vida, falta de habitação, emigração e falta de assistência hospitalar. Balanço completo: Fome, Miséria e Luto.

Assim será enquanto subsistirem as suas causas: a sociedade burguesa capitalista.

Nem o último recurso!

A vida mais triste se apresenta. O infeliz faz seguir para a casa de penhores todos os haveres. Não tem recurso algum que lhe permita tratar-se em casa.

Recorre ao hospital. Vai primeiro à Junta de Freguesia pedir o atestado de pobreza, que só ao fim de alguns dias vem. Com esse documento o infeliz dirige-se ao hospital de São José amparado pelos braços de sua companheira.

Mas mesmo ali a Desgraça não o abandona. O hospital está cheio. Não há vagas e o requerente não entra. E durante dias, no átrio daquele hospital, lê solta gemidos de desespero, lê ergue blasfêmias de indignação.

Um dia dá-se a ansiada vaga. O doente ingressa numa enfermaria e durante semanas sofre as consequências da miséria dos hospitais. Quando abandona o catre vem ainda mais doente do que entrou: sua alma vem lacerada, seu moral vem abatido.

Estes são os prognósticos do ano de 1927, que bem poderá classificar-se de ano de desgraça. O quadro é bem expressivo: crise de trabalho, carestia da vida, falta de habitação, emigração e falta de assistência hospitalar. Balanço completo: Fome, Miséria e Luto.

Assim será enquanto subsistirem as suas causas: a sociedade burguesa capitalista.

Nem o último recurso!

A vida mais triste se apresenta. O infeliz faz seguir para a casa de penhores todos os haveres. Não tem recurso algum que lhe permita tratar-se em casa.

Recorre ao hospital. Vai primeiro à Junta de Freguesia pedir o atestado de pobreza, que só ao fim de alguns dias vem. Com esse documento o infeliz dirige-se ao hospital de São José amparado pelos braços de sua companheira.

Mas mesmo ali a Desgraça não o abandona. O hospital está cheio. Não há vagas e o requerente não entra. E durante dias, no átrio daquele hospital, lê solta gemidos de desespero, lê ergue blasfêmias de indignação.

Um dia dá-se a ansiada vaga. O doente ingressa numa enfermaria e durante semanas sofre as consequências da miséria dos hospitais. Quando abandona o catre vem ainda mais doente do que entrou: sua alma vem lacerada, seu moral vem abatido.

Estes são os prognósticos do ano de 1927, que bem poderá classificar-se de ano de desgraça. O quadro é bem expressivo: crise de trabalho, carestia da vida, falta de habitação, emigração e falta de assistência hospitalar. Balanço completo: Fome, Miséria e Luto.

Assim será enquanto subsistirem as suas causas: a sociedade burguesa capitalista.

Nem o último recurso!

A vida mais triste se apresenta. O infeliz faz seguir para a casa de penhores todos os haveres. Não tem recurso algum que lhe permita tratar-se em casa.

Recorre ao hospital. Vai primeiro à Junta de Freguesia pedir o atestado de pobreza, que só ao fim de alguns dias vem. Com esse documento o infeliz dirige-se ao hospital de São José amparado pelos braços de sua companheira.

Mas mesmo ali a Desgraça não o abandona. O hospital está cheio. Não há vagas e o requerente não entra. E durante dias, no átrio daquele hospital, lê solta gemidos de desespero, lê ergue blasfêmias de indignação.

O patriotismo

continua na ordem do dia...

Vem ultimamente debatendo-se nas colunas dos jornais burgueses uma série de assuntos a que anda ligado o dinheiro, muito dinheiro. A palavra imoralidade é repetida muitas vezes e a afirmação de que se traem os interesses da nacionalidade é insistente, avultando nela a expressão que foi, noutro tempo, impressionante de «traição à pátria».

Propositadamente nos temos até aqui alheado dessas questões, aguardando que os interesses do operariado fossem atingidos para então nos pronunciarmos. Conhecemos muito bem—até onde chegam os nossos meios de observação—a dissolução desta sociedade e, muitas vezes, nossa pena hesita em mexer em certos assuntos no receio, que pode ser fundado, de atingindo os interesses do capitalista A irmos favorecer o capitalista B.

Repugnar-nos-ia prestar-nos, ainda com as nossas melhores intenções, sem o sabermos, a tomar partido nas rivalidades dos abutres da finança que se degladiam na ansia feroz de realizarem as mais escandalosas negociações.

Neste momento debate-se aí, na imprensa, uma questão acirrada acerca da venda de acções da Companhia Ferroviária da Beira Alta a um capitalista espanhol, por intermédio duma casa bancária que pretende apoderar-se das linhas do Minho e Douro para as meter nas mãos do mesmo capitalista espanhol.

Nestas negociações aparece envolvido o nome do seráfico e jesuítico Fernando de Sousa, director da *Epoca* que defende à outrance as operações que provocaram um pânico entre os patriotas... que não tiveram parte no negócio.

Não queremos discutir se há ou não traição à pátria. Mas, achamos muito a propósito desmascarar as criaturas que dum lado e de outro se degladiam, uns assegurando que só pensaram na pátria, nos interesses da pátria, quando defenderam o negócio e outros declarando que atacam o negócio por o considerarem uma traição à pátria, aos sacrosantíssimos interesses da pátria.

Nem uns nem outros pensam na pátria—pensam neles mesmos, o que é muito diferente. A pátria para um banqueiro ou que é? Um dividendo, uma garantia de lucros, uma série de bons negócios. E para todos os banqueiros a pátria só existe para assegurar as suas fortunas, os seus interesses e as suas infernais maquinações.

Quem traí os interesses dum banqueiro traí, no dizer dele, os interesses da pátria, visto que a pátria é ele, e o resto—o resto é a população trabalhadora—não conta, não existe.

Não estamos nem atacando, nem defendendo a famosa venda das acções da Beira Alta. Estamos sim constatando que todos eles seriam capazes da mesma traição à pátria de que alguns falam.

Para o banqueiro a pátria não passa duma superfície propícia às suas especulações. E acham-na já tão insuficiente que passam por cima das fronteiras para alargar a esfera dos seus negócios e aumentar os seus capitais.

Nesses negócios, em todos os negócios, há realmente uma traição. Mas a vítima dessa traição não é a pátria: é a classe operária. Todos os negócios repousam sobre o trabalho humano, e cada vez que ele é negociado é negociado e agravado a miséria daqueles que o executam.

Quando virá o dia em que todos os trabalhadores tenham a convicção destas verdades e se concertarão para evitar que continuem a ser uma espécie de mercadoria que se negocia, que se trapaceia, que se vende com a mais infinita das crueldades e com o mais monstruoso dos cinismos?

Um «sacrificado»...

Informam da Arcada: «Atendendo a que o chefe de secção do ministério das Colónias, sr. Delim Costa, está abrangido pela lei das incompatibilidades, visto estar exercendo, cumulativamente, os lugares de comissário do governo, interino, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela e electivo junto da companhia de Cabinda, e tendo o referido funcionário optado pelo primeiro dos lugares, vai ser publicado um decreto exonando-o de comissário junto da companhia de Cabinda e nomeando em sua substituição o engenheiro sr. Teodoro Monteiro de Macedo.

A morte de Sidónio Pais

Magalhães Lima defende-se duma grave acusação que anonimamente circula pela cidade

A prisão de José Júlio da Costa veio dar vulto ao boato de que a morte de Sidónio Pais aquele não passou dum instrumento. Segundo o boato que corre o dr. Magalhães Lima foi o iniciador do atentado. Para demonstrarmos a maneira cavilosa como operam certos elementos reacccionários a fim de liquidar pela morte os que incorrem no seu monárquico e jesuítico desagrado, transcrevemos o que se passou com Magalhães Lima, narrado por ele próprio, quando o prenderam e pretendiam assassinar.

«Quando em Paris tive conhecimento da vitória de Sidónio Pais, logo fiz tenção de me precaver contra futuros ataques. E assim, ao chegar a Lisboa, resolvi não ir para minha casa, mas sim para o Hotel Francfort, onde permaneci durante quase um ano. Não me arrependi durante aquela estada, por me convencer de que a dar-se um atentado mais facilmente me assassinariam em casa do que no hotel. Aquela noite foi verdadeiramente trágica. Alvaro de Castro, que tinha adoptado o processo de andar a monte, mandara-me dizer por um amigo comum, Kemp Serrão, que um revolucionário nunca se deve deixar prender. Eram onze horas e meia da noite. Perguntei ao mensageiro o que me poderia suceder.

—Podem-me matar? acrescentei.

—Pois é isso mesmo o que o Alvaro receia.

Ponderei que era tarde para mudar de processos e que aceitar as consequências da minha conduta.

—Fará o que entender, replicou.

Com efeito, às duas e meia da madrugada, alguém batia violentamente à porta do meu quarto.

—Abra em nome da lei, gritaram de fora.

A-pesar-de-me sentir seriamente doente com uma infecção, abri a porta. Um aluno da Escola de Guerra avançou para mim na intenção de me agredir.

—Não se bate num preso, exclamou o chefe do bando.

Emquanto me vestia, mudei à pressa, um dos agentes policiais segredava-me.

—Não se deixe conduzir a pé pelo Chiado.

—Isso é bom de dizer, respondi eu. A esta hora não há já automóveis no Rossio.

—Eu me encarregarei de o arranjar, se me dá licença, voltou o mesmo agente.

E em poucos minutos trazia o carro que me devia conduzir ao governo civil, onde eles tomaram lugar com os canos das espingardas voltados para fora, para conter o público no devido respeito.

Sidónio Pais havia sido assassinado poucas horas antes. A minha prisão fomentava a suspeita de que a Maçonaria tivesse contribuído para o emocionante acontecimento, o que era redondamente falso, como depois se provou. Eu fui especialmente visado como chefe da Maçonaria. Ao entrar no governo civil vi canos de espingardas apontados para mim. O comandante da polícia levantava os braços como quem procurava acalmar a excitação geral.

Esperei duas horas no gabinete do mesmo comandante, a fim de ser examinado pelos médicos, que alvitaram a minha ida para uma enfermaria, dado o meu estado de saúde. Estou convencido de que, se tivesse sido obrigado a entrar num calabouço, teria sido assassinado naquela mesma noite. Ao cabo de uma longa espera veio buscar-me um tenente, chamado Vinagre, que meteu o seu braço no meu, de revéliver em punho. Atravessi o longo corredor no meio de imprecções e doctos.

—Nada receia, dizia-me o bravo tenente; se o alvejarem, morreremos ambos.

Chequei à enfermaria do governo civil e lá, salvo o que não impedi que se dessem vários episódios durante a minha estada ali. Uma noite fui sobressaltado por uma gritaria infernal que se produziu na rua.

—Queremos a cabeça de Magalhães Lima, gritava ferozmente a alforja, que do subterrâneo tinha vindo à rua.

Esperava resignadamente o linchamento, porque não haveria dize possível para opor aquela vaga. Um desconhecido assomou bruscamente à varanda e gritou:

—Magalhães Lima já não está aqui.

Foi um banho de duche. No meio da confusão perguntavam alguns alucinados:

—Onde estará, onde estará?

—Talvez nos Paulistas, conclamavam vários.

O que se passou entre Magalhães Lima e José Júlio da Costa

E' certo que fui um dia procurado no hotel por José Júlio da Costa, que se incutava em um velho republicano alentejano. Estava eu de cama e disse-lhe que o não podia atender por me encontrar bastante doente. Muito nervoso, ele aceitou as minhas razões a chorar, e, beijando-me depois a mão, exclamou:

—O senhor é o homem mais honrado de Portugal!

Não compreendi bem a sua agitação, nem aquela amável exclamação.

Algumas outras vezes me procurou ainda, sendo eu obrigado a recusar a sua visita pelo meu estado de saúde. Apenas uma vez o vi por conseguinte. Quando entrei na prisão o comandante da polícia perguntou-me se eu sabia porque estava preso. Respondi-lhe que o ignorava absolutamente. E ele então mostrou-me um retrato de José Júlio da Costa e acrescentou:

—Dizem que o assassino é maçom e daí a geral indignação contra o senhor, como grão mestre da maçonaria.

Expliquei então que me recordava de ter visto uma vez aquele indivíduo, que não ousara sequer revelar-me a mais leve intenção criminosa, que ele não era o maçom e por isso mesmo era indignidade o que se estava praticando, e que não podia obedecer senão a instintos acintosos e perversos.

Acrescentou o comandante que eu nada tinha a recar: que a minha prisão era meramente preventiva, a fim de defender a minha vida contra quaisquer ataques imprevisíveis. O próprio José Júlio da Costa escreveu uma carta a pessoa amiga em que dizia, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Tenho sofrido tudo; quiseram-me matar

LONDRES, 18.—Uma das resoluções do conselho de ministros de ontem foi defender a todo o transe a concessão de Xangai. O conselho deliberou também fazer reunir em Xangai importantes forças navais.

VARSOVIA, 18.—O sub-delegado apostólico desmente categoricamente que o cardeal Gaspari, secretário de estado do Vaticano, tenha sugerido à Polónia a restituição dos territórios que pertenciam à Alemanha antes da grande guerra.

JOÃO DE DEUS, o poeta lírico notável—e não o pedagogo, que nunca o foi—merece todos os nossos mais elevados respetos e não merece ser ultrajado pelo *Diário de Notícias*, nem as crianças e os professores merecem servir-lhe de capachos!

O *Diário de Notícias*! O jornal mais nefasto de todos os jornais portugueses!

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

HOJE, às 21 horas
1.ª representação da peça de
RAMADA CURTO
JUSTIÇA...

Nos primários papéis:
ALVES DA CUNHA
BERTA BIVAR
ADELINA ABRANCHES

CARTA DO PORTO

Ainda a Santa Casa da Misericórdia

PORTO, 17.—Ainda não nos esquecemos do Hospital Geral de Santo António. Nêle há mais pus moral a desinfectar do que doentes físicos a exigir cura. Ora como se torna urgente por um limite sério de escândalos que por lá se praticam, nós resolvemos dar hoje à estampa mais uns pormenores acerca do fiscal Mendonça.

A Santa Casa da Misericórdia, se é escassa em misericórdia para os pobres que dela necessitam, é bastante prodígia para alguns empregados superiores que se servem da misericórdia para *misericórdiosamente* agastarem a sua vidinha financeira. Senão vejamos: a Santa Casa dá ao fiscal Mendonça uma excelente casa para habitar. Mas o barbaqueão sr. Mendonça aproveita-se da casa para fazer del a pensão e tirar um rendimento de perto de mil escudos assim descomunalmente: duma tal D. Rita, ao que parece a amante do Ferrabrás Mendonça, 300\$000; de um sobrinho do citado fiscal, 300\$000; e de um estudante cabo-verdeano, 300\$000.

Como vêem, estas cifras repletas dão bem uma prova de moralidade enfiada na Santa Casa da Misericórdia cuja direcção administrativa só tem olhos de ver... para quem os não deveria ter.

Certo não bastam aqueles 950\$000 explorados à custa da casa... que a Santa Casa lhe fornece para viver regularmente; como não chegam ainda os 9.000\$00 mensais em este enferme pelos seus serviços de fiscalização duvidosa — afirmam-nos, e estão prontos a provar, que ele, o bom Mendonça, se vai servindo dos armários, panelas, carboneto, vassouras, roupas de cama e gelio fornecido pela farmácia por intermédio das enfermeiras. Ilude a boa fé dos fornecedores e da Santa Casa... que tão perculária é para uns e tão somfisa é para o seu pessoal de enfermagem...

Enquanto os superiores do hospital de Santo António ganham chorudas mensalidades, o desprezado pessoal enfermeiro recebe os 5 quintos ordenados ridículos: enfermeiro, 28\$75; ajudante, 31\$45; enfermeira, 31\$45; ajudante, 25\$97; criado, 21\$97; e criada, 19\$37!

E para esta miséria de remuneração irrisória, revoltante, dispense o Estado perto de 5 mil contos... queimados, em parte, na voragem estúpida dos graduados, porque os miúdos, os que mais se sacrificam nos seus utilíssimos serviços, esses, como reparam, vegetam miseravelmente numa paga escassíssima e sem direito a uma casa transformada em pensão belamente pingadora... Esta situação de hierárquico privilégio só é talhada para as rias barbas dos srs. Mendonças. O pessoal subordinado só tem direito ao u-offruto desta *humana* regalia: aquele que tarda desde a 1 hora até às 6 da manhã ser ainda desoladamente obrigado a continuar o seu exaustivo serviço até às 2 horas da tarde!... Em compensação, o *ilustre* sr. Mendonça *deita-se* às 7 horas da tarde abandonando os seus *espaçiosos* serviços até ao dia seguinte...

Quanto não vale ser fiscal do Hospital da Santa Casa que dá casa de graça para a nontagem de enriquecidos... ensões. Tendo-se assim um pólo tão ilando, por-de-se, na Santíssima Casa da Misericórdia, não só praticar actos desonestos com certa empregada, como até levar carinhina para si e para os cães que possuem, como até mandar encetar bofetins pedindo remédios para si e destiná-los depois às coristas do teatro Águia de Ouro, como até pedir namorado a certa funcionária da secretaria que lhe atirou à cara com aquela celeberrima frase de Silva Pinto...

O barbaqueão Mendonça tem mais coisas exquísitas, mas hoje não queremos machar mais o leitor. O resto fica para amanhã — porque depois queremos fazer umas interessantes referências ao pessoal de secretaria.

Isto vai devagar e com tempo... — C.

Solidariedade

Pró-Estêves Ferreira

Em auxílio de Estêves Ferreira realiza-se no sábado, no Salão de Festas da Construção Civil, uma recita com o seguinte programa: 1.ª parte: o drama em 1 acto, original de Augusto Santos Oliveira, «As partilhas»; 2.ª parte: estreia dos notáveis amadores de prestidigitação «Os canhões»; 3.ª parte: a engraçadíssima comédia em 1 acto «Criações espertas», seguindo-se um grandioso acto de variedades, com variações à guitarra pelo popular guitarrista Teixeira Miranda, acompanhado pelo seu violão Jorge Canhoto.

Abrihanta esta festa a tropa de bandolinistas «Os Pompeus». Previnem-se todas as pessoas que tenham bilhetes em seu poder e que ainda os não liquidaram que os devem faltar até amanhã, a fim de a comissão poder saldar alguns compromissos que tomou.

— Comunica-nos o operário José Gordiano que recebeu de Francisco dos Santos Reis a quantia de 30\$00, de uma subscrição aberta na Cova da Piedade.

— Comunica-nos o operário José Guerreiro que recebeu de Luís Miguel a quantia de 87\$60 e de Américo Páez a quantia de 20\$00, sendo ambas as quantias provenientes de subscrições.

pela sede; atiraram-me dois tiros à queima roupa e tudo tenho suportado resignadamente. O que não posso nem poderei nunca suportar, o que mais me custa é que o sr. Magalhães Lima, que eu considero um santo, esteja a sofrer por minha causa.

Quando o sidonismo não tivesse outras vergonhas a machá-lo, tem certamente esta da minha prisão, como um estigma de que nunca poderá ilibar-se

Teatro Apolo
Telef. 3010 N.

Companhia Almeida Cruz

HOJE e todas as noites
2 sessões às 8,30 e 10,30
com a espiroscopica opereta

MOURARIA

em 3 actos, original de Lino Ferreira,
S. Tavares e L. Lauer, musicada
pelo maestro Filipe Duarte.

Protagonista:
Adelina Fernandes

PREÇOS POPULARÍSSIMOS
Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fautuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.
Geral, 2\$00

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES
às 20,30 e 22,30
COM A COMÉDIA

O INFERNO

A canhoneira "Ibo" encontra-se em perigo no Norte devido ao temporal

Devido a um equívoco resultante de uma troca de telegramas, que julgámos «Mandovy», o navio que estava em perigo, canhoneira verificando-se depois que era a «Ibo».

Como dissemos foi, antecorrem mandado seguir para o Norte a fim de prestar socorro à canhoneira «Ibo», que o havia solicitado num rádio, o vapor «Patrão Lopes» que não pôde romper com o temporal, tendo enviado para o ministério da marinha um rádio comunicando que devido ao vento o mar tempestuoso obrigara à redução da velocidade, a fim de evitar o encapeloado mar no destino. Ao virar para o sul rebuttonou-lhe o cabo do leme, não podendo o navio avançar, informando que o tempo não apresenta tendências para melhorar, tendo engrossado mais a vaga e com vento mais rijo e de refregas, e por esse motivo arribou a Cascais, onde se encontram bastantes embarcações arribadas.

Um rádio posterior diz que já tem a avaria reparada.

Sobre a canhoneira «Ibo», nas estações informam não ser verdadeiro um telegrama de Aveiro, que diz que o navio encalhou, pois o comandante da referida canhoneira num rádio informou às 14 horas que ia capeando debaixo de muito mau tempo e só com uma caldeira acesa com tiragem forçada, navegando com muito mar e vento, estando já afastada um pouco mais da terra, tendo chegado junto dela dois pequenos vapores belgas que nada lhe puderam fazer por causa do mau tempo, mas conservavam-se próximo e que pela telegrafia sem fios a canhoneira «Mandovy» lhe comunicara ter arribado a Leixões o rebocador que ia em seu socorro, acrescentando que o rebocador holandês «Jacob-Van-Keenkerk» lhe acabava de comunicar que ia em seu socorro a toda a força, estando ao meio dia na posição 42° 5' Norte e 9° 4' Oeste. Também o rebocador «Silva Gouveia» lhe ofereceu os seus serviços a 60 milhas do local onde a «Ibo» se encontrava e como já não tinha o rebocador de Leixões por isso poderia utilizá-lo, esperando se o tempo melhorasse poder ir até Leixões.

PROPAGANDA SINDICAL

Em Linda-a-Pastora

Aproveitando a assembleia geral do sindical da Construção Civil, para eleição dos corpos gerentes, realizou-se uma sessão de propaganda, tendo usado da palavra Francisco Fernandes, delegado da F. C. C.

Este camarada passa em revista a organização dos operários da Construção Civil, fazendo salientar as grandes lutas travadas para a conquista das oito horas e outras regalias de carácter moral; então os operários de Linda-a-Pastora, acompanhando o movimento geral, encontravam-se todos associados, cheios de entusiasmo e confiança em melhores dias.

F. Fernandes faz votos para que os trabalhadores compreendam que a situação miserável para que se caminha é filha da falta de organização e, assim, voltem a dar toda a sua energia ao levantamento da associação e termina apresentando uma moção sobre os camaradas Sacco e Vanzetti.

Segue-se-lhe o delegado da C. G. T. que se refere ao estado da organização e à consequente situação económica que atravessa a classe operária, demonstrando só ser possível sair dum tal estado por uma forte organização e acção da classe operária.

Diz que o abandono a que os trabalhadores votaram os organismos de classe tem contribuído, mais que a reacção da burguesia, para o estado de miséria em que todo o proletariado se encontra e ainda para os operários terem perdido o espírito de solidariedade e de responsabilidade que tão necessário é às nossas acções de reivindicação.

Refere-se também à necessidade de propaganda entre os trabalhadores que desconhecem o valor do movimento operário, apresentando a *Batalha*, como o melhor condutor da propaganda, a quem os trabalhadores devem dar todo o seu apoio.

Marrocos em efervescência

As tribus rebeldes atacam os espanhóis...

TETUÃO, 18.—Em face da recrudescência dos assaltos das tribus Beni Ider, o estado-maior espanhol tomou já algumas disposições, tendo outras em estudo, para dominar a turbulência destas tribus.

... e ameaçam a zona francesa

TETUÃO, 18.—Os assaltos das tribus Beni Ider tornam-se dia a dia mais frequentes, ameaçando repercutir-se sobre as tribus limitrofes da zona francesa.

A GUA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

livro útil às boas donas de Pedidos a administração de A Batalha

Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

TIVOLI
ORIENTE

Super-Film de Costumes Árabes, em dez partes, com

MARIA JACOBINI
(Simultaneamente, em dois papéis)

HARRY LIEDTKE

Robinson Crusoe
Desenhos Animados

Cine-Magazine — Uma cine-farça

Audição especial pelo Orquestra, sob a direcção do Maest. e **MELODY BAND**.

Amanhã: «matinée» às 3 horas

Notas várias da Lisboa triste

Eleitos do vendaval

Na Rocha do Conde de Obidos, ontem de manhã, devido ao vendaval, foi colhido por uma adriça que se deslocou do respectivo mastro, a bordo da fragata T L 155, um moço da mesma fragata de nome Domingos, de 16 anos, natural de Ovar. Transportado imediatamente, num auto da Cruz Vermelha, ao Hospital de São José, chegou já ali morto, pelo que depois de verificado o óbito pelo cirurgião de serviço ao Banco Dr. Augusto Lamas, foi o cadáver removido para a Morgue.

Atropelado por um automóvel

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, José Meneses, de 17 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio, residente na rua da Mãe de Água, 2, 1.ª, que, na rua Augusta, foi atropelado pelo automóvel S 8814, ficando contuso pelo corpo.

Aparelho dum cadáver

Depois de verificado o óbito pelo respectivo sub-delegado de saúde, dr. Arruda Furtado, deu entrada na Morgue Daniel Francisco que foi encontrado morto nas terras do Sabido, em Campo de Ourique.

Colhido por uma táboa

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, deu entrada António dos Santos Miguel, de 9 anos, natural e residente na Amadora e que ali foi colhido por uma táboa ficando ferido na cabeça.

Colhido por um tijolo

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Desferro, deu entrada Manuel Andrade, de 35 anos, jornalista, natural de Azeitão e residente em Coima (Barreiro) e que na fábrica da Companhia União Fabril, no Barreiro, foi colhido por um tijolo, ficando ferido na cabeça.

CONFERÊNCIAS

«Espiritismo e Ciência»

COIMBRA, 18.—Na sede da Universidade de Livre, à Torre de Alameda, realiza-se quarta-feira, pelas 21 horas, a segunda parte da conferência do dr. S. Serras Pereira, subordinada ao título acima. A primeira parte da conferência despertou grande interesse, aceitando o conferente a contro-versia.

As aulas da História de Arte que funcionam na sede deste instituto de educação popular reabrem na próxima sexta-feira, pelas 21 horas. — C.

Choque de veículos

Um camião guiado por Luís Machado, residente na rua de São João da Praça, no qual também seguiam Jaime dos Santos Ferreira, de 57 anos, ajudante de «chauffeur», rua do Castelo Píado, 17, 1.ª, e Luís Baptista, de 36 anos, rua de Carvalho Araújo, M. C., ao passar no Campo Grande foi chocar com uma carroça guiada por Manuel Ferreira, de 67 anos, rua da Amendoeira, 46, 1.ª, do que resultou ter ficado morto o animal que tirava a carroça, ferido na cabeça o carroceiro, com a perna esquerda fracturada e a perna direita ferida na cabeça o Baptista.

Recebidos os primeiros socorros no Hospital Veterinário, no Campo Grande, foram transportados ao hospital de São José, onde foram devidamente pensados, recolhendo a uma das enfermarias o Jaime Ferreira e seguindo os outros para suas casas.

MUSICA

Sociedade Nacional de Música de Câmara

Com o concurso valioso de D. Maria José Borges, Dolores Vercynusse de Sá, Berta Rosa Limpo Sena e dos srs. Francisco Benetó, Jaime Silva e Campos Coelho, realizou-se no Conservatório o 2.º concerto desta época da Sociedade Nacional de Música de Câmara. Programa dos mais apetecíveis, intérpretes dos mais distintos, não admira que este concerto bastante interessante fosse esperado com ansiedade. A sonata de Beethoven confiada a D. Maria José Borges foi justamente sentida por esta pianista que em todos os seus andamentos se manifestou um belo temperamento artístico. Depois nos números de canto em que figuravam entre outros Debussy e D. Berta Rosa Limpo, o interesse cresceu a olhos vistos, tendo os dois executantes, esta senhora (canto) e Campos Coelho (piano) ouvido muitos aplausos que foram de todo o ponto merecidos.

Por fim, em última parte do concerto Francisco Benetó e Jaime Silva fizeram-se ouvir na sonata da op. 45 de Grieg. Não se pode exigir mais dos dois intérpretes, o primeiro já consagrado e o segundo no caminho dum futuro risonho.

Este concerto da Sociedade Nacional de Música de Câmara marcou pela interpretação e pelo interesse dos seus principais números.

N. B.

Grande festival italiano

No domingo próximo, em «matinée», realiza o Orquestra Sinfónica Portuguesa, da direcção do ilustre maestro Fernandes Fão, um grandioso festival italiano, que será levado a efeito no teatro do Gimnásio, começando às 3 horas da tarde. O brilhantíssimo programa do concerto inclui o primeiro da sr.ª D. Sofia Saldanha, distintíssima na arte musical, que se fará ouvir num solo ao piano, e entre outras composições notabilíssimas a orquestra executará a obra de Respighi Pini de Roma, um dos compositores mais celebrados da moderna geração italiana. Essa famosa composição já a executou a referida orquestra, despertando indescritível entusiasmo, é a pedido de muitos amadores musicais que a repete no próximo domingo.

A'S 21 HORAS

«ORIENTE» que retrata, ora a vida nômade das caravanas que viajavam pelo tórrido deserto, ora os prazeres do moderno Cairo, está impregnado da beleza voluptuosa do Egito.

A formosa família está apaixonada pelo oficial inglês Harry Russell.

Com um filho nos braços, família atravessa um calvário de martírios, para escapar ao ódio dos da sua tribo que não perdoam que uma árabe se deite a seduzir por um estrangeiro. Mas a irmã de família, a bailarina Katia, está também apaixonada por Harry. E Katia luta com um cruel dilema: Renhar a sua felicidade ou a de sua irmã, a quem estremece...

A BATALHA na provincia e arredores

Foz do Douro

Os bailes

FOZ DO DOURO, 16. — Nos últimos tempos têm-se realizado nesta terra numerosos bailes, uns semanalmente com entrada a tanto por «cavalheiro» e «dama», outros em dias de nomeada com convites a toda a excelentíssima família e pessoas de suas relações.

São diversos os motivos que nos fazem condenar estes divertimentos, salientando-se, porém, o lado moral, que é afectado, sobretudo, nos primeiros casos. É tanta a perversão em quasi todos os indivíduos que uma mulher não pode passar a qualquer local sem que se solem os mais estúpidos comentários e perturbações, ao lado o bufete que exalta, corpo colado a corpo, em evoluções de «fox-trot», o que não aconteceria?

São fêrteis os efeitos deletérios destas casas que têm sido o primeiro passo de muitas infelizes no caminho da prostituição, confrangendo-nos, por isso, ver as jovens recorrer a elas com grave prejuízo de si próprias. É a sociedade que se perde nestes antros cabendo a maior responsabilidade a aqueles que, gananciosamente, os exploram não se preocupando com as desastrosas consequências.

Compete aos pais mostrar aos filhos, em especial às raparigas, a nocividade destes lugares de devassidão, para evitar que um dia tenham de lamentar-lhes a sorte que as fará descer até ao prostíbulo.

A propósito diremos que no sábado se realizou, no Club da Foz, uma «soirée» que durou das quatro às oito da tarde. Tudo quanto há de «chic» lá estava, tendo sido ouvido dum indivíduo este comentário acertado: «para que aqueles vadialhos, cheios de vida, andem ali a pinotear-se há muito velhinho e muita criança que para tal trabalham». As damas lá saíam, apresentavam as faces escarlates, talvez devido à acção do cap. de água e do calor abraçador que fazia na sala...

Sinos novos

O badalar estrondante dos sinos da igreja começou de preocupar a «arolice» local levando-a a desembolsar alguns milhares de escudos, extorquidos, já se vê, aos trabalhadores, para os substituir por outros que tocariam ao som de metais.

Não podendo furtar-se ao progresso, os calóicos vão substituindo a vela de cera pela lâmpada eléctrica, o badalar fêbre dos sinos pelo som mais harmonioso dos carrilhões, sendo de lamentar que, para satisfazer a higiene moderna, não destruam as próprias igrejas que são, na maioria dos casos, atentatórios das mais elementares regras higiénicas... físicas e morais. Ou então encerrá-las, para testemunho dumha época de credulidade e ignorância que fará rir os vindouros. — C.

Mortágua

Os correios

MORTAGUA, 15. — O serviço dos correios para os arredores desta localidade, é simplesmente lastimoso. O camarada José Henriques Nunes, de Vila Gozendo, recebe o jornal A Comunidade de que é assinante, apesar do seu administrador, afirmar que o mesmo tem sido enviado regularmente. Desconfia este camarada, que lhe tenha sido declarado interceptado por qualquer distribuidor rural, que não goste da leitura daquele periódico.

Organização sindical

Nesta localidade, não existe organização sindical e será difícil criar sindicatos de especialidade apesar de haver duas classes numerosas, que são a rural e a construção civil. Será fácil, todavia, constituir um sindicato misto, devendo a C. G. T. mandar aqui um delegado, com essa missão.

Depois da guerra, desenvolveu-se aqui, extraordinariamente, a indústria de serração e moagem. Como era fonte de grandes lucros, muita gente, que não conhecia esta indústria, montou grandes fábricas, com capital próprio ou emprestado, parte das quais agora faliram, por falta de capacidade técnica. Daí resultou a crise de trabalho, agravada pelo não cumprimento do horário de 8 horas, mercê da falta de organização. Também nas oficinas é exercida forte exploração sobre os menores que os industriais aproveitam em prejuízo dos doutos, em consequência de auferirem menores salários. O mesmo desrespeito que se observa pelo horário de trabalho e protecção aos menores, alinge os acidentes de trabalho, facto que registamos, por ser a indústria de serração, aquela onde é maior o número de desastres. De tudo isto, ressalta a necessidade dos trabalhadores desta localidade se organizarem, facto que, aliás, muitos sentem, faltando-lhes apenas quem os oriente. — E.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Libertário «Os Filhos da Liberdade». — Efectuou-se no passado domingo o sorteio promovido por este grupo com o fim de angariar fundos para a criação duma biblioteca popular em Vila Nova de Gaia. Coube o prémio — uma linda estatueta — ao n.º 195, devendo a pessoa que o possuía, dirigir-se a quem lhe vendeu o bilhete, a fim-de o receber.

Este grupo reúne na sexta-feira, 21, pelas 21 horas, a fim-de resolver sobre assuntos importantes.

Grupo Libertário Proudhon. — Com este título foi organizado em Mortágua um grupo de afinidades para a propaganda libertária. A correspondência pode ser enviada (provisoriamente) para Adelino Rodrigues Macãs, Vale de Remigio, Mortágua.

TEATRO MARIA VITORIA
Telef. N. 3644

Grande Companhia de revistas

Hoje — às 8 1/2 e 10 1/2 — Hoje
A revista de grande êxito

Sempre fixe!

Números de maior sucesso!
Piadas da maior oportunidade...
2--horas de gargalhada--2

AVISO

A bilheteira abre às 13 horas. Venda de dia sem aumento de preço. A 2.ª sessão termina à meia noite e 1/2 h. em ponto.

TEATRO SALÃO FOZ

«Matinée» às 3 horas

2 — Sessões nocturnas — 2
1.ª — às 8,30 2.ª — às 10,30
HOJE — ESTREIA — HOJE
da série de quadros de conjunto, letra de Pedro Bandeira e Alvaro Leal, música de Raúl Ferrão:

PIM! PAM! PUM!

desempenhada por artistas portugueses e encenada pelo hábil «metteur-en-scène» H. Sant'Anna. Córpo e corpo de baile dirigidos por Sacha Morgova. Indumentária do professor M. Castelo Branco

Orquestra: FOZ MELODY BAND

Preços do costume

TEATROS

Lucinda Simões

No próximo domingo, pelas 13 horas, o Grémio dos Artistas Teatrais promove nas suas Salas uma festa de homenagem à grande actriz D. Lucinda Simões. Nesta festa, que será presidida pelo ministro da Instrução e a que concorrerão as maiores notabilidades, será descerado na sala das sessões um magnífico retrato a óleo das grande actriz, trabalho de um pintor premiado na exposição de Paris, usando da palavra várias entidades em destaque nos meios artísticos e literários.

«Pim! Pam! Pum!»

É hoje que se estreia no Teatro Salão Foz a série de quadros de conjunto «Pim! Pam! Pum!» da autoria de Pedro Bandeira, Alvaro Leal e Raúl Ferrão e habilmente encenada por Henrique Santana.

A um grupo de artistas portugueses e ao corpo e corpo de baile, estes dirigidos por Sacha Morgova, está confiado o desempenho, tendo os cenógrafos e o professor de indumentária M. Castelo Branco caprichado em apresentar cenários e guarda roupa de grande efeito e originalidade.

Já a célebre orquestra Foz Melody Band, além da parte musical dos quadros, interpretará novos números recentemente chegados do estrangeiro.

Haverá 3 espectáculos diários, sendo a «matinée» às 15 horas e as sessões nocturnas às 20,30 e 22,30, não havendo alteração nos preços.

A festa de Conchita Uliá

Realiza-se amanhã no Gimnásio a festa da ilustre artista Conchita Uliá, festa de homenagem oferecida pelos ilustres artistas — empresários Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, efectuando-se hoje mais um espectáculo sensacional com o novo programa, em «Fin de Fiesta», da brilhantíssima artista. Abre o espectáculo a sensacional peça de Ramada Curto, «O Caso do Dia», êxito incomparável, que completa esta noite 34 representações. Conchita Uliá no seu programa desta noite repete igualmente, entre outros números de êxito famoso, a canção «Hierro Mata» em que é assombrosa de sentimento e de ternura.

Um notável acontecimento teatral

Causou a maior sensação e surpresa a notícia publicada ontem, de se apresentarem, sexta-feira, no Eden, duas companhias de revista, reunindo os melhores artistas do género, que representarão a nova peça «Sempre Fixe», que a crítica saudou com unânimes elogios e o público, com os mais entusiásticos aplausos.

Falta ainda a meia Lisboa vêr «A Garçonne»

A extraordinária peça «A Garçonne», que actualmente se representa no Trindade pela grande companhia Lucília Simões-Erico Braga, em virtude do ruído que fez à sua volta, tem registado tamanhas enchesões no elegante teatro que foi fácil averiguar que meia Lisboa que vai ao teatro foi já vê-la e aplaudi-la com aquele entusiasmo que merece a obra grandiosa e inédita de Victor Marguerite. Mas como falta que outra meia Lisboa tenha de passar pelo Trindade, para vêr a esplêndida peça, pode calcular-se quão formidáveis serão as enchesões até ao final da época, data que se presume que ela poderá sair de scena. «A Garçonne», sendo o grande sucesso da companhia que Erico Braga tão hábil e inteligentemente dirige, é também o último grande triunfo artístico da eminente artista Lucília Simões, que tem na protagonista um trabalho de tal relevo que não é demais afirmar que ela é uma das maiores e mais belas criações.

A opereta «Mouraria» cada vez mais célebre

Depois que a já célebre opereta «Mouraria» ultrapassa a «meta» das cem representações, parece que nova carreira de triunfo e de sucessos lhe está reservada, pelo menos até final da época presente para lustre e glória da brilhantíssima companhia Almeida Cruz e de todos os seus intérpretes, entre os quais nunca é demais destacar como tributo de homenagem justíssima os nomes de Adelina Fernandes, Mari-Laura, Margarida Ferreira, Maria Mesquita, Almeida Cruz, Alvaro Pereira, Arthur Rodrigues, Eduardo Raposo, Holbeche e Pereira Arrigada. «Mouraria», a inesquecível obra de Lino Ferreira, Silva Tavares e Lopo Lauer repete-se hoje.

Silvestre Alegria em «O Inferno»

Ao lado da grande actriz Maria Matos, que presentemente é a artista que inculca o riso e a alegria em todo o público de Lisboa, Silvestre Alegria, o popular e querido actor cómico da farça e da comédia, velho estilo do Gimnásio, é também o rei da gargalhada.

«O inferno», actualmente em scena no Variedades, é, por isso, a peça da actualidade, visto que se Maria Matos, na «D.

Teatro da Trindade
TELEF. T. 975

Companhia Lucília Simões-Erico Braga

HOJE, às 9 1/4 da noite, em ponto
Representação da peça em 3 actos e 4 quadros de Victor Marguerite, trad. de Pereira Coelho e Matos Sequeira:

A GARÇONNE
(LA GARÇONNE)

Monte Lervier, LUCILIA SIMOES
Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Isidro, Maria Cristina, Júlia Silva, Lidia de Almeida, Joaquim Almada, Samuel Diniz, Mário Santos, Selma Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

«A Canção das Montanhas»
pelo barítono Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO AVENIDA
Telef. II. 4366

Hoje, às 21,30 horas
A representação da comédia alemã

O PÉ DE SALSA

Adaptação dos escritores Bermudes, Bastos e A. Brun

Clara é uma sogra monumental, Silvestre Alegria, no D. Plácido, faz rir as pedras da rua com a sua inexgotável veia cómica.

Palmira Bastos reaparece hoje na peça «Mulher...»

É hoje que o teatro São Carlos faz a sua estreia a companhia de declamação daquele teatro, dirigida pelo distinto actor Clemente Pinto, e da qual faz parte a eminente actriz Palmira Bastos.

A peça de apresentação é a linda comédia de Edmond Guiraud «Mulher...», cuja protagonista vai ser mais uma das brilhantes criações daquela grande actriz. Na mesma peça faz a sua reaparição Maria Judice da Costa, artista das mais ilustres e celebradas da nossa terra.

Os voadores Meteoros fazem hoje a sua estreia

No programa do Coliseu dos Recreios, figura a estreia, hoje, dos célebres voadores Meteoros, sete homens e uma senhora, que executam os mais surpreendentes e emocionantes vãos em trapezios a grande altura, trabalho que os tornou célebres em todo o mundo.

MARCO POSTAL
Cofre, — Roberto das Neves — Está pronta a tua encomenda. Quando houver portador segue.

CAMBIO

Falsas	Compra	Venda
£ 100 em Londres, cheque		95500
• Madrid cheque		3517
• Paris cheque		578
• Suíça, cheque		2578,5
• Bruxelas cheque		2574
• New-York, cheque		19559
• Amsterdã		7584
• Itália, cheque		285,5
• Brasil, cheque		2530
• Praga, cheque		558,5
• Suécia, cheque		5524
• Áustria, cheque		2377
• Berlín, cheque		4566

Espectáculos de hoje

TEATROS

Teatro S. Carlos — A's 21 — «A mu-
lher».

Teatro Nacional — «A Justiça».

Teatro S. Luís — A's 21 — «O prin-
cipe».

Teatro da Trindade — A's 21, 15 — «A
Garçon».

Teatro do Ginásio — A's 21 — «O
caso do dia» — Conchita Ullia.

Teatro Apolo — A's 20, 30, e 22, 30 —
«Maurício».

Teatro Avenida — A's 21, 30 — «O Pé
de Sals».

Teatro Eden — A's 8, 45 e 10, 45 — «Ca-
baz de morangos».

Teatro Maria Vitória — A's 8, 30 e
10, 30 — «Sempre Fico».

Teatro Variedades — A's 8, 30 e 10, 30 —
«O Inferno».

Coliseu dos Recreios — A's 21 — Com-
panhia de Circo.

Teatro Salão Foz — A's 3 e às 8, 30 —
Variedades.

Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20
e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatôgrafo.

Salão Olympia — Todos os dias das
2, 30 da tarde às 12, 30 da noite. Sessões
consecutivas de animatôgrafo e concerto
musical. — Rua dos Condes.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Nar-
tes — A's 3 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 10
horas.

Doenças venéreas — Dr. Miguel Magalhães — 10
horas.

Fé e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 13
horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff —
10 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira —
12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3, 11
e 13 horas.

Doenças das mulheres — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 ho-
ras.

Tratamento de diabete — Dr. Ernesto Roma — 3
horas.

Doença e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cenore e radio — Dr. Cabral de Melo — 1 hora.

Raios X — Dr. Aluísio Saldaña — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Beato — 1 hora.

A EPOPEIA DO TRABALHO
— POR —
Ferreira de Castro, com desenhos de
Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro
hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras.
A venda nas livrarias, ao preço de \$500 e
a cobrança, de 7500.

Pedidos a Livraria Renascença, de J. Car-
doso, editor, Rua dos Poiais de São Bento,
27 e 29 e à Administração de A Batalha,
calçada do Combro, 38-A, 2. — Lisboa —
Portugal.

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Algebra elementar	13500
Arithmetica elementar	15000
Desenho linear geométrico	12500
Elementos de electricidade	30500
Elementos de fisica	12500
Elementos de Mecanica	12500
Elementos de Modelação	12500
Elementos de Projeções	16500
Elementos de Quimica	12500
Geometria plana e no espaço	13500
Fabricação de tecidos	13500

Mecânica

Torno e Frazador mecânicos	15500
Desenho de máquinas	25500

rito se desprende do seu actual envólucro... para ir
procurar outro... Desvendando-se-me o futuro... Salve,
glorioso dia profetizado por Vitória a Grande!...
salve!... quão bela a tua aurora! Antevejo ferros
quebrados, bastilhas desmoronadas, troncos e altares
desfeitos em pó, e dominando as ruínas do novo
mundo, um cadafalso, o instrumento de suplicio des-
tinado aos monarcas... Eu te saúdo, patíbulo sagra-
do... símbolo da justiça popular!... Oh República!
que brilhante aurora a tua!... O teu sol deslumbra-
mente ergue-se já por sobre a Europa, e derrama correntes
de luz sobre o mundo regenerado... que reverdece...
floresce... ostenta e goza em paz os seus tesouros,
riquezas, pompas e maravilhas, no meio da alegria
dos seus filhos livres, iguais, libertos para sempre do
duplo jugo da religião e da miséria... e também para
sempre unidos pela fraternal solidariedade dos povos
confederados...

As testemunhas desta scena, cedendo ao entu-
siasmo, deixavam-se enlevar por estas palavras de
Vitória, pelo brilho enganador do seu olhar, pela
exaltação de espirito que lhe dava aquele último alento
de energia, e esqueciam que ela estava agonizando...
Vitória, com os olhos meios fechados, o rosto livido e
banhado em suores frios, desfaleceu nos braços do
irmão, e, após um momento de agonia, saiu desta vida
para ir continuar a viver nesses mundos misteriosos
para onde todos havemos de ir!

O exército devia marchar ao romper do dia. João
Lebrenn e Castillon abriram, próximo a Geisberg,
uma cova destinada a Vitória. Ela para ai foi levada
pelo capitão Martin. Castillon, Duchemin e Oliveira.
João Lebrenn, gravemente ferido, acompanhava o
então da irmã, encostado ao braço do jovem volun-
tário Duresnel. Caia neve, e em breve a cova de Vitória
desapareceu sob o branco manto que cobria as alturas
de Geisberg no momento em que o exército deixou
estes bivaques para marchar sobre as linhas de Wis-
sembourg, que podiam ser ainda defendidas pelo exér-

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora...
Sapatos em verniz...
Sapatos pretos (grande salão)...
Sapatos brancos (salão)...
Grande salão de botas pretas...
Sapatos de couro para homem...

Caminhos de Ferro do Estado
Direcção do Sul e Sueste
SERVIÇO DE SECRETARIA

Edições de 30 dias
Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do
Sul e Sueste correm edições de 30 dias,
nos termos da Carta de Lei de 24 de
Agosto de 1848 e Decreto de 5 de De-
zembro de 1910, a contar da ultima publicação
deste anúncio no Diário do Governo,
citando todas as pessoas incertas que se
julguem com direito ao todo ou a parte da
quantia de noventa e sete e nove escudos
e noventa e sete centavos (97997),
relativa à liquidação das contas deixadas
pelo mestre de obras, Manuel António
Branco, falecido em sete de Outubro do
ano findo e a cuja quantia se habilitaram
Maria Virginia de Sousa Branco, esposa
que foi do falecido por si e seu filho me-
nor Francisco e Vitória Clara Branco Camo-
cho, filha maior.

SUCATAS
Compra-se toda a qualidade e quantidade de
sucata de metais e ferro. RUA CAIS
DO TOJO, 38 e 40 (ao Conde Barão).

FATOS
A 220\$00 feitos por medida em boas
casimiras. Recebem-se fatos a feito
e forros por 120\$00. — ALFAIATARIA
DIAS, 84, rua D. Pedro V. 86.

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo,
por Campos Lima, 3500.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por
Mário Domingues, 6500.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais
indígenas), por Manuel Kopke, 6500.
A venda nas livrarias e na administração
de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença»,
rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 38 desta revista
intitulado *El drama de un amor vulgar*,
de J. Rodríguez Aragón. — Preço, \$50. —
Pedidos à administração de A Batalha.

**O Sindicalismo Revolucionário e a
Organização Operária**
Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um
dos maiores oradores da Alemanha, me-
membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas,
com um esboço biográfico do autor. Preço
1500.
Pedidos à administração de A Batalha.
Revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkhiof. Preço 1500.

**A VENDA A 11.ª SÉRIE
de «Os Mistérios do Povo»**
Interessante romance histórico profun-
damente ilustrado desde as primeiras
idades do homem até à revolução
Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10
tomos com cerca de 320 páginas 6500.
Obra mais barata que no género se publica

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSS sem
consultar
UNIAO
a Empresa de Limas União Tomé Feteira, Lda
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca con-
corrência com as melhores marcas estrangeiras
EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa
Travessa do Fala Só, 9-B
TELEF. N. 3415

NORTE 5521 e 5528
São os telefones dos 60 taxis
CITROËN
(Palhinha amarela)

**Cooperativa Lisbonense
de Chauffeurs**
que devido aos seus postos e garages
espalhados pela cidade servem os seus
clientes com grande economia
de tempo e de dinheiro
GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede)
e Avenida Almirante Barroso, 21
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

**Suplemento semanal
ilustrado de «A Ba-
talha»**
Encontra-se já à venda o primeiro ano
deste interessante semanário, devidamente
encadernado, numa ótima capa em perca-
lina ilustrada a cores, por Alonson, con-
tendo um indispensável índice dos variadissi-
mos assuntos de ordem doutrinária, literá-
ria e artística.

O seu preço é 1 volume com 420
páginas, 45\$00.
Encadernação (por capas e índice)
20\$00.
Capas e índice em separado, 15\$00
Pedidos de coleções, ou envio destas
para encadernação, à administração de A
Batalha.

Todo o dia sinto ardor!
Um conselho: Use Mitigal! Fricção nas partes
aonde tenha comichão com o
Mitigal „Bayer“
e a comichão desaparecerá em
seguida.
A eficácia do Mitigal em qualquer
espécie de comichão, assim como
em todas as enfermidades para-
sitárias de pele (especialmente na
sarna) é confirmada pelos médi-
cos. Peça um dos interessantes
folhetos explicativos que se dão
em todas as farmácias.
Use V. também Mitigal!

**História Universal
del Proletariado**
«Veinte siglos de opresión capitalista»
Esta publicação em língua espanhola que
encontra à venda na nossa administração, é
retrato histórico, documentadíssimo e detalha-
do das lutas originadas, pela desigualdade social
que, sob formas diversas e variados sistemas,
perdura desde os primeiros alicerces da civiliza-
ção.
Cada fascículo de 48 páginas, 1800; pelo cor-
reio, registado, 1850.
Estão publicados os seguintes fascículos:
1.ª — «La era de la esclavitud»;
2.ª — «La rebelión de Esparta»;
3.ª — «Abolición de la esclavitud»;
4.ª — «Abolición de Servidumbre»;
5.ª — «La revolución de los siervos»;
6.ª — «La miseria de los agricultores»;
7.ª — «Transformación del Poder Feudal»;
8.ª — «El comunismo cristiano»;
9.ª — «Los miserables en la Edad Media»;
10.ª — «La libertad ilusoria»;

Livraria de A BATALHA

**OBRAS DE LITERATURA, CIÊN-
CIA E ENSINO**

Abel Botelho — Amanhã	16500	Jorge Teixeira — Catunhos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro)	2550
Alexandre Hercolano	18500	Juliano Quintinha	8500
Lendas e Narrativas (2 volumes)	18500	Vishinhos do Mar	8500
Cartas (2 volumes)	18500	Cavalgada do Sonho	8500
História da origem e estabeleci- mento da inquisição em Portu- gal (3 vols.)	27500	Terras de Fogo	8500
Adolfo Lima		Dor vitoriosa (novela)	825
Contrato do Trabalho	10500	Laurent — Iniciação matemática	5500
Educação e ensino	5500	Malvert — Ciência e Religião	10500
O ensino da história	1550	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela)	825
Aquino Ribeiro		Anastácio José (idem)	825
Anatole France	3500	Manuel Ribeiro	
Estrada de São Tiago	10500	Poder redentor (novela)	825
Jardim das Tormentas	10500	Mirbeau — O Jardim dos Suplicios	4500
Via Sinuosa	10500	Nogueira de Brito	
As Filhas da Babilônia	10500	1-Memórias de Angela Pinto	15500
Terras do Demo	10500	Sangue Fidalgo (novela)	825
Augusto Machado — Impossível re- denção (novela)	825	Não, diz a Lei (novela)	825
Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados)	10500	Pargame — Origem da vida	8500
Bente Faria — Missa nova (teatro em verso)	2500	Oliveira Martins	
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus	4500	Helenismo e a Civilização Cristã	15500
Buckner — O homem segundo a ciência	12500	História da Civilização ibérica	15500
Charles Darwin — Origem das espe- cies	14500	História da República Romana (2 volumes)	30500
Campos Lima		História de Portugal (2 vols.)	30500
O Estado e a evolução do Direito	12500	Racism Humanas (2 vols.)	30500
O Amor e a Vida	5500	O Brasil e as Colônias Portuguesas	15500
O Mandarim	8500	Cartas Peninsulares	15500
Os Maias (2 vols.)	28500	Sistema dos mitos e ficções religio- sas	15500
A Reliquia	15500	Orlando Marçal	
A Cidade e as Serras	12500	Agua clara	6500
Frade Mendes	9500	Imagets de Sôhio	1500
Casa Ramires	15500	Raul Brandão	
Prosas Bárbaras	10500	Os Pescadores	10500
Ecos de Paris	9500	Os Pobres	10500
Cartas Familiares	9500	O Teatro	8500
Cartas de Inglaterra	9500	Spencer — Da Educação (br. \$500) ens.	8500
Minas de Salomão	9500	Sobral de Campos — Dois tiros (no- vela)	825
Notas Contemporâneas	15500	Tolstol — A sonata de Kreutzer	4500
Ultimas páginas	15500	Ana Karenina (3 vols.)	15500
Contos	15500	Toulouse — Como se deve educar o espírito	4500
Ernesto Haackel		Wenceslau de Moraes	
História da Criação	20500	Dai-Nippon	12550
Origem do Homem	5500	Victor Hugo	
Os enigmas do Universo	14500	França e Belgica	10500
Monismo	4500	O Reno (2 vols.)	15500
Religião e evolução	6500	Os Miseráveis (2 grossos vols.) ilus- trados, encadernados	40500
As maravilhas da vida	14500	Zola	
Faguet — Iniciação filosófica	5500	A Taberna	12500
Iniciação literária	10500	Terça Raquin	5500
Faria de Vasconcelos		Alegria de viver (2 vols.)	8500
Problemas escolares	5500	A conquista de Plassans (2 vols.)	8500
Por terras de além mar	5500	Fecundidade	20500
Ferreira de Castro		A fortuna dos Rougons (2 vols.)	8500
Sangue Negro	2550	Uma página de amor	9500
Sendas de Lirismo e de Amor	8500	Dr. Pascal	8500
A Peregrina do Mundo Novo	9500	FOLHETOS	
F. Castro e E. Fria — A Boca da Es- perança	8500	Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja	1500
Flamarion		A Evolução legal e a anarquia	350
Iniciação astronômica	5500	Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	550
Contos de luar	5500	José Prat — A burguesia e o prole- tariado	550
Como acabará o mundo?	7500	A necessidade da Associação	550
Os habitantes dos outros mundos	4500	Content — Contra o confucionismo	350
Felix de Dantes — As influências an- cestrais	10500	Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	550
Fialho de Almeida		Ernesto da Silva — Teatro livre	550
Lisboa Galante	10500	Arte Social	350
Estâncias de Arte e Saúde	9500	Landauer — Social Democracia	350
Figuras de destaque	9500	R. Meia — O principio do fim	350
Actores e Autores	9500	A maçonaria e o proletariado	350
Contos	9500	J. Most — Peste religiosa	550
A Esquina	9500	João P. do Rio	
Avés Migradoras	9500	Definições sociais	550
Barbear, Pentear	9500	Horas anarquicas (versos)	550
Cidade do Vicio	9500	Trovas da Noite	1500
Passinadas	10500	Roberto, o pescador	1500
Pais das Uvas	9500	Memórias do Parque de São João do Forte	1500
Saibam quantos	9500	— Catnet de Pensamento	550
Vida errante	9500	J. Bakunine — O sentido em que se mos anarquistas	550
Vida irônica	9500	Chusca — Como não ser anarquista	550
Guerra Junqueira — A morte de D. João	10500	Lazaro — A Liberdade	550
Musa em férias	9500	B. Etrivart — A minha defesa	550
Os Simples	7500	J. Kropotkin	
A velhice do Padre Eterno (En- cadernação de luxo)	14500	Os bastidores da guerra	350
Brochados	10500	Moral anarquista	550
Gorki — Os Degenerados	4500	O espirito revolucionário	550
Os Vagabundos	4500	O estado e o seu papel histórico	1550
Na Prisão	2550	J. Guedes — Lei dos Salários	550
Isaac — Espectros	4500	Briand — A greve geral	550
Lacomet — História Universal, 2 v.	10500	Roland — Rússia Nova	550
João Cortezão — Adão e Eva (ca- rol)	5500	O sindicalismo e os intelectuais	550
José Benedit — A ciência redentora (novela)	825	D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário	550
Jesus Peloto — O mestre geral (no- vela)	825	A. Hamon — A crise do socialismo	550
		J. Santos — A transformação da sociedade	550
		Neno Vasco	
		Georgicas	350
		Greve de inquilinos (teatro)	1500
		Proletariado Histórico	1500
		G. Arkhiof. — A Revolução so- cial e o Sindicalismo	550
		Carlos Rates — Aditância do pro- letariado	1500
		Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus	1500
		Rodolfo Rocker — O sindicalismo revolu. e a organização operária	150

19-1-1927
OS MISTÉRIOS DO POVO
N.º 895

a escrituração da casa; estava ela ocupada neste traba-
lho a 23 de prairial do ano II (maio de 1794). A jovem,
num adiantado estado de gravidez, estava vestida de
preto, de luto por Vitória, sua chunhada. A sr.ª Desma-
rais trabalhava numa obra de costura.

Quando Carlota terminou o seu trabalho de conta-
bilidade, fechou os livros de comércio e pôs diante
de si um caderno de papel branco, no qual se preparou
para escrever. A mãe disse-lhe:

— Vou parecer-te curiosa, minha querida filha...
mas intrigam-me ao último ponto essas folhas de papel
que tu todas as noites enches de letras tuas, e que em
breve constituirão um volume.

— E' uma surpresa que destino a João, minha
boa mãe.

— Oxalá que ele possa em breve gozá-la! A sua
última carta dá-nos a esperança de que dentro em
pouco o veremos. Ele escreveu também no mesmo
sentido ao sr. Billaud-Varenne, que vindo visitar-nos
ontem, esperava encontrar já aqui teu marido.

— João só esperava a licença do médico para se
pôr a caminho, porque as consequências da sua ferida
exigem grandes precauções. Ah! minha mãe, como
me sinto gloriosa em ser mulher dele! com que felici-
dade, com que orgulho o hei de abraçar!

— Ah! bem cara custou essa glória o que receio
é que o nosso pobre João fique coxo para sempre.
Ah! a guerra!... Pobre Vitória! que terrível fim
o seu!

— Minha digna irmã! Mártir em vida, morreu como
heroína! Nunca me senti tão comovida como ao ler a
carta que João nos escreveu de Wissembourg no dia
seguinte àquele em que Vitória lhe morria nos braços,
predizendo a República universal, a Comuna e a
federação, com a bandeira vermelha... Mas, minha
mãe, tornemos à surpresa que preparo para o nosso
João. Lê o título deste caderno.

A sr.ª Desmarais pegou no caderno, e leu estas
palavras escritas em grandes letras: «Par meu filhos.

— Nesse caso, disse a sr.ª Desmarais comovida,
essas páginas que tu andas a escrever há alguns
dias...

— São dirigidas, no meu pensamento, ao meu
filho, que há de ver a luz numa época bem terrível.
Se for um rapaz, o melhor exemplo que lhe poderei
citar é o pai; se for uma filha... apresentar-lhe hei
para modelo essa curiosa mulher que o acaso me fez
conhecer, amar e admirar pouco antes do suplicio...

— Lucília! exclamou a sr.ª Desmarais estreme-
cendo. A infeliz esposa de Camilo Desmoulin!...
Pobre Lucília! tão boa, tão bela, tão modesta! e mãe
duma criança!... Nada pôde comover os monstros
do tribunal revolucionário, que enviaram para o
cadafalso essa inocente mulher de vinte anos!

— Ah! na véspera de morrer, dirigia ela à sr.ª Du-
plessis, sua mãe, a seguinte carta:

«Adeus, minha mãe: uma lágrima de tristeza me
assoma aos olhos, e essa é para ti. Vou adormecer
com a tranquilidade da inocência.

Lucília»

— Comovedora despedida! — continuou Carlota en-
xugando os olhos. Também eu havia de saber morrer
assim!

— Causas-me susto! — exclamou a mãe. Mas não!...
tu estás grávida, e as mulheres no teu estado escapam
ao cadafalso.

— O filho salva a mãe! por isso escrevo isto para o
meu filho, a quem deverei talvez a vida... Camilo
Desmoulin e Danton, esses homens ilustres, esses
grandes patriotas, foram sacrificados ontem; meu
marido, que os iguala em virtudes cívicas, talvez seja
julgado e guilhotinado amanhã. Dolorosa perspectiva!

— Ah! sangue! sempre sangue! — murmurou com
voz desfalecida a sr.ª Desmarais. Meu Deus! tende
piedade de nós!

— Minha boa mãe, — disse Carlota — vou ler-te algu-



EM TORNO DE UMA QUESTÃO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

Continuam como dantes os nossos antagonistas a divagar sobre a orientação que deve ter o movimento sindicalista, mercador do qualificativo de revolucionário, sem em nada assentarem de positivo e concreto, parecendo até fugir da discussão das bases e fundamentos da questão, e quanto a nós pessoalmente em face disto desistíamos da melhor vontade de prosseguir na polémica, embora essa desistência fosse considerada como uma falta de argumentação ao opor aos nossos contraditores.

Como, porém, ao nosso nome estão ligadas responsabilidades dentro da organização operária portuguesa, e não queremos de forma alguma tomar atitudes ambíguas e nebulosas, por estarmos vendo as mais conseqüências que daí sempre advêm, resolvemos continuar sem solismas a manifestar as nossas opiniões sobre o assunto, para que o organismo que nos enviou ao Conselho Confederal não esteja desconhecido, e tome perante os factos as resoluções que achar mais convenientes.

Ratificando por este meio tudo quanto a este respeito escrevemos ultimamente, sentimo-nos contudo obrigados a prestar um esclarecimento sobre uma passagem do nosso último artigo, porque supomos que foi ela que deu lugar à afirmação de «que ignoramos a função da C. G. T.»

Escrevemos nós que considerando ilusórias todas as regalias conquistadas dentro da actual sociedade pelos trabalhadores, a nossa preocupação principal devia ser a sua transformação, mas bem entendido que com isto não queremos dizer que rejeitamos todos os movimentos tendentes à conquista de melhores salários, de melhores condições higiénicas e de diminuição de horas de trabalho dentro da sociedade presente. Sómente, o que não aceitamos é que seja essa a única finalidade do sindicalismo, nem tão pouco admitimos que se utilizem nesses movimentos processos que não contribuam para preparar os trabalhadores para o estabelecimento duma sociedade de homens livres e iguais, donde desapareçam de facto todos os males contra os quais eles se pretendem defender por meio da acção sindicalista.

Não precisamos bem esta ideia, mas se pensássemos doutro modo, limitaríamos coerentemente a nossa acção a dois grupos anarquistas, e nem mesmo nos chegaríamos a sindicalizar.

* * *

E posto isto, voltamos de novo a repetir embora por outras palavras, o nosso arrazoado do costume, visto que até à data não vimos uma resposta satisfatória dada às questões por nós apresentadas.

* * *

Como sabemos todos nós, o sindicato tem por fim reunir os trabalhadores do mesmo ofício para a defesa dos seus interesses e direitos, mas a pesar desta característica comum há profundas divergências entre os movimentos sindicalistas existentes. Estas divergências são naturalmente motivadas pelas tácticas e processos diversos de que cada um faz uso na acção que desenvolve, tácticas e processos estes que se harmonizam ou não influenciados pelos das diversas correntes político-filosóficas conhecidas. É de claro que a acção destas diversas correntes dentro dos sindicatos que com ela se harmonizam é sempre considerada benéfica por aqueles que nela estão integrados.

Assim os sindicalistas reformistas não rejeitam, mas antes a consideram favorável, a acção desenvolvida dentro dos seus sindicatos pelos políticos social-democratas; os moscovitistas pensam de igual modo em face do partido comunista.

E aqueles que realmente estão integrados dentro dos princípios aprovados nos congressos operários de organização operária portuguesa, e que lhe determinam uma acção

contra o parlamentarismo, o colaboracionismo e a intrusão no seu seio dos políticos-governamentais, deviam ver até com simpatia exercer-se dentro da C. G. T. a influência (não a «gargalheira», porque eles não pretendem conquistar o poder) dos anarquistas, visto que é ela a melhor salvaguarda do respeito e acatamento desses princípios.

Porisso não compreendemos qual o perigo que possa advir para a nossa organização operária, do facto de dentro dela ter uma grande representação a tendência anarquista, nem tão pouco sabemos quais são os desvios que se tem dado ultimamente, pois que todas as resoluções, e nenhum pode demonstrar o contrário com factos, têm sido tomadas sempre com o objectivo de defender a directriz demarcada à C. G. T. pelos Congressos de Coimbra, Covilhã e Santarém.

E como, aparte certos detalhes, nós só vemos nos artigos dos nossos antagonistas sobre as questões fundamentais bastantes nebulosidades, achávamos conveniente, se, por acaso, entendessem que deviam prosseguir nesta polémica, darem-nos primeiro os seguintes esclarecimentos:

1) Estão absolutamente integrados e perfeitamente de acordo com os princípios aprovados nos Congressos de Coimbra, Covilhã e Santarém?

2) Se estão, qual é, na sua opinião, a doutrina político-filosófica que advoga os mesmos métodos e processos de luta contra o regime capitalista?

3) Quais os prejuízos que poderá causar ao movimento operário revolucionário da preponderância dentro dele dessa corrente político-filosófica?

4) Que semelhança e relações existe entre esta corrente e os partidos político-governamentais que aspiram à conquista do poder?

Parece-nos que só à volta destes pontos é que poderá haver discrepâncias entre nós, e portanto esclareçamo-las primeiro, pois que de contrário passaremos mutuamente, como o D. Quixote, a esgrimir contra moinhos de vento.

Concretizemos pois estes assuntos, e deixemo-nos de divagar com aquele Leone que, pelo que compreendemos, termina o seu livro por afirmar que o sindicalismo deve estar por coerência nas mãos do partido socialista; e também com as concepções daquele Marx—homem de valor inegável, é certo, mas cuja coerência tem muito que se lhe diga, pois que ao mesmo tempo que apregoava que a emancipação dos trabalhadores seria sua obra única, procurava-o arrastar para a luta parlamentar, como se entre estas duas acções alguma coisa de comum pudesse existir.

Quanto à nossa alusão à atitude das Federações abstemo-nos por enquanto de a tratar. Mas sobre a A. I. T. ratificamos o que dissemos.

A C. G. T. abandonando-a não só cometeria uma incoerência, tal como o indivíduo que abandona o sindicato, mas até uma traição aos seus princípios visto ser a A. I. T. o único organismo internacional operário existente, pois que Amsterdã e Moscúvia são, simplesmente, apêndices de partidos político-governamentais.

Sobre o epíteto de «arancel», a recitação dum «amen», etc., etc., só temos a dizer que achamos tudo isso impróprio dum serviço para a desviar do seu curso natural.

Exponhamos primeiro as nossas opiniões com síntese, clareza e precisão, refutemo-las em seguida, mutuamente, com argumentos e razões apropriadas, e deixemo-nos de alusões e de nos chamarmos nomes bonitos ou feios.

A. BOTELHO

os trabalhadores, mas então todo o povo do país, poderão colaborar no engrandecimento do porto. Na actualidade não, pois, isso não equivaleria senão a irmos ajudar a encher as bolsas dos exploradores do povo, ou os cofres do Estado que gasta perdulamente em obras de interesses reservados dos dinheiros públicos. Frente a qualquer destas situações, os trabalhadores possuem os seus interesses económicos de que não podem abdicar, os quais só podem ser integralmente obtidos pela sua acção própria. E esta acção, pela união de nós todos, que se impõe, juntando-se todos na associação, dando a sua assistência completa à Comissão de Melhoramentos, para que a sua missão possa ser realizada com êxito. Da nossa classe, que possui como todas as restantes classes, um ideal de emancipação social a atingir—e se a classe toda não tem deve ter—espero resultados proveitosos, se bem compreendidas forem e as minhas breves exortações.

Francisco QUINTAL (Assistente de escrita)

E' insustentável a situação dos trabalhadores de Fronteira

FRONTEIRA, 15.—O número de desempregados aumenta de semana para semana, o que quer dizer que a miséria alastra por esta vila. E', senão o principal, um dos principais causadores desta desgraça, o lavrador Costa Pinto.

Este lavrador tem 6 herdeiros acambarados nesta localidade: quatro sob a sua responsabilidade e duas sob a responsabilidade de seu filho. Este, por sua vez, não dá trabalho aos rurais da Fronteira preferindo ir buscar-lo a Cabeço de Vide. Para se avaliar o humanitarismo do filho do sr. Costa Pinto basta saber que os seus criados descansam uma vez por mês. Quando entra na sua herdade animal que não lhe pertence ele ordena aos seus guardas que o abatem a tiro.

O pai fez um contrato por 4 meses—Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro—com 13 trabalhadores de Cumeira, a quem paga \$850 de jorna.

A agravar a situação temos a carestia dos géneros de 1.ª necessidade. O pão custa \$80 cada quilo que nesta vila não tem mais do que 800 gramas. O azeite paga-se a \$840 o litro. E o preço dos restantes géneros avalia-se por estes.

Em face desta situação onde iremos todos parar?—(E.)

LUTA DE CLASSES

Os aspectos morais e sociais do operariado de conservas de Setúbal

analizados serenamente por um antigo militante

Sempre que alguém se refere à situação actual do operariado setubalense, vêm logo a lume as «tradições revolucionárias» do operariado da cidade que mereceu o título de Barcelona portuguesa.

Pelo visto a educação pesa tanto sobre os actos do indivíduo, que este até ao referir-se a casos cuja origem reside justamente na lastimável falta de compreensão dos elementos operários de outrora, teima em repisar apaixonadamente a «tradição», como se nós tivéssemos também que respeitar, para nos servir de guia, o estupor da fastidiosa tradição.

Vamos a ver se agora a questão fica colocada no seu verdadeiro campo, para que cada um ocupe o lugar que lhe compete em vez de levar toda a vida a chorar a perda das suas «tradições».

A organização operária de Setúbal sofre hoje os efeitos perniciosos da sua origem e do terreno falso em que se manteve sempre. A indústria das conservas laborou, até há poucos anos, pelos mais primitivos processos de fabrico, sendo por isso fácil a ascensão do operário a industrial, tanto mais que a indústria tem estado sempre muito pulverizada, na posse de pequenos capitalistas ou em firmas comanditárias. E, então, a organização dos operários, que nasceu dum sistema de empreitada, continuou dentro dum ambiente puramente corporativista, orientada por elementos que no começo da guerra deambularam por sociedades industriais, que depois faliram, ou que viviam nas boas graças dos outros industriais, dada a mútua confraternização que é fácil prever em indústrias nestas condições.

Mas a necessidade económica que se apossou das classes da indústria das conservas, indústria de ocasião, que, como já dissemos, laborava por processos primitivos, levou-os a vários movimentos grevistas de que foram saindo vitoriosos, porque as fábricas em tais condições não podiam enfrentar a solidariedade das classes operárias, não podiam arcar com um pequeno prejuízo, nem tinham outro processo de salvar o peixe que não fosse o trabalho manual dos operários. Devida a isto, sucederam-se algumas vitórias para os sindicatos operários, vitórias que levaram militantes e operários a uma grande loucura colectiva, impondo-se contra tudo e contra todos, com razão e sem razão. Tudo confiava das suas greves, e deixaram correr as coisas ao acaso.

A organização das operárias, foi sempre tida em pouca conta, e quando alguns industriais começaram a introduzir a máquina na indústria, os trabalhadores declararam: «he guerra, enquanto os trabalhadores, que eram, e são assalariados, aceitavam a máquina, mais por não poderem ver a situação de inferioridade em que os soldados os consideravam, que por espontânea manifestação de consciência.

Nesta altura é que o bom-senso devia ter aconselhado uma completa remodelação na organização operária existente, para que se tornasse possível regularizar o funcionamento da máquina, e nunca para lhe declarar guerra.

Não se fez assim, e continuou-se o mesmo erro de tratar exclusivamente dos interesses privativos de ocasião. E enquanto a máquina ia transpondo as portas da fábrica, ia aumentando o ódio entre as classes da mesma indústria, e o sindicato das operárias morria após uma luta inglória em que os industriais puderam envolver as classes de terra com os marítimos.

Alguns militantes, mais conhecedores da causa operária e com uma clara visão das coisas e dos factos, tentaram ainda remediar este mal e evitar a queda desastrosa que se presentia, breve, mas os operários, acostumados a uma linguagem muito diferente, não queriam ouvir falar a verdadeira lógica, e olhavam com ódio, mesmo com desconfiança, os que lhe mostravam outro caminho, e que por isso mesmo, apontados como perigosos anarquistas. Para os operários o sindicato existia apenas como garantia do privilégio de trabalhar na indústria, eternamente, com a mesma ferramenta. E também era este apenas o conceito que faziam da organização em geral.

Como foi possível, mesmo adentro do espírito restritamente corporativo, fazer-se alguns movimentos em que a solidariedade se manifestou grandemente? Mas uma tal orientação tinha fatalmente de conduzir a um tremendo fracasso.

A lição não se fez esperar. As classes sofrem já as conseqüências dos erros do passado, devido à larga introdução da máquina que está caindo nas mãos das mulheres e dos menores. E, mesmo o espírito de classe não morreu ainda, e continua a contrapor-se a uma verdadeira organização sindical, baseada em novas tácticas, para evitar que o operariado caia num servilismo vergonhoso e humilhante.

Houve, em Setúbal, grandes lutas, pelo número de operários que nelas tomaram parte e pelos acontecimentos de que foram teatro. Mas faltava-lhes a ideia, a consciência do perigo, a visão do dia seguinte. E os actos revolucionários não podem classificar-se pelo barulho produzido. Quer se dizer que em Setúbal, todo o movimento operário está restrito a este sistema de lutas?

Não. Em Setúbal, há um bom número de operários verdadeiramente conscientes, que algumas vezes também têm dado a movimentos um pouco da sua influência, a pesar de por muito tempo lhes ter estado quasi vedado o falar nos sindicatos.

A estes camaradas que compete lançar a semente duma nova organização, para que o movimento operário reviva no verdadeiro sindicalismo. Para tal há já novos prenúncios.

A indústria da pesca, que experimentou todas as ideias de organização até à exploração em cooperativa, pelos trabalhadores do mar, está assistindo ao renascer do respectivo sindicato, conseqüência duma mais forte concentração capitalista.

Dentro em poucos anos, talvez, as indústrias da pesca e das conservas estarão na posse de poderosas empresas capitalistas, às quais o pequeno capital ficará de todo subordinado. E é preciso que os operários saibam acompanhar esta marcha progressiva.

A antiga organização já deu o que tinha a dar. Persistir em a manter é persistir num tremendo erro e tornar o mal irremediável. Que atemem bem nisto os que com sinceridade exercem cargos na organização existente. Que os camaradas isolados saibam compreender o seu dever, chamando-se uns outros à actividade, para que se inaiçure uma nova era de propaganda e acção.

E aqueles militantes da indústria das conservas, que no respectivo Congresso, aprovaram várias teses, entre as quais a da criação do sindicato único da mesma indústria, devem juntar os actos às palavras, de modo que acabem com todos os ressentimentos e com todos os ódios antigos. Para este fim devem também encaminhar-se os jovens sindicalistas a fim de que a sua acção possa ajudar ao robustecimento da organização.

Se nem uns nem outros compreenderem o momento, tanto pior para todos. A tradição já nada vale, porque as causas são outras. É preciso preparar o futuro com todas as inovações que vêm sepultar as melhorias e esfrangalhar as tradições que nada valem e para nada prestam.

Forte de Monsanto

J. M. MAJOR

O horário de trabalho em Ponte de Sôr

PONTE DE SÔR, 17.—O Sindicato da Construção Civil de Ponte de Sôr, em virtude da falta de cumprimento por parte de vários mestres de obras, do horário de trabalho, organizou uma sessão de protesto contra esse atropelo à lei, e reclamou do delegado do governo que ela fosse cumprida.

Este, em virtude da razão dos reclamantes, e vendo que os ânimos estavam exaltados, contra o descumprimento que alguns mestres de obras, e até patrões doutas indústrias, desrespeitavam o estabelecido, ou seja as 8 horas de trabalho, que tanto sacrificios custou ao operariado organizado—prometeu que faria, imediatamente, cumprir a lei, e mandou afixar uns editais nesse sentido.

Dá-se, porém, o caso de que alguns industriais, e entre eles um ferreiro, com a ameaça de despedimentos ou até com a diminuição dos salários, forçaram alguns operários—que a isso miseravelmente se prestaram—a ir declarar ao mesmo delegado do governo—patrão à frente—que desajavam trabalhar mais que as 8 horas, etc.

Em face de tal atitude, a classe da C. Civil recusou-se, tendo nomeado uma comissão para se avistar com a autoridade, o que fizeram, acompanhados, nessa altura, pelo delegado da Federação da Construção Civil.

A verdade é que de todas estas diligências quasi nada resultou de positivo, para o cumprimento desse horário, e simplesmente porque meia dúzia de indivíduos, que nem camaradas sabem ser, atraíramos velhacões as outras classes.

A noite, efectuou-se uma reunião, no Sindicato da C. Civil, onde fizeram uso da palavra vários camaradas que censuraram acrememente o procedimento dos que não sabiam fazer respeitar os direitos dos trabalhadores, e, ao contrário, são traidores aos mesmos.

Estamos convencidos, porém, que o operariado de Ponte de Sôr, sabendo, a pesar de tudo, defender os seus direitos e regalias conquistadas.—E.

ACTUALIDADE SINDICAL

Federação Internacional da Construção Civil

Após o encerramento do congresso da Federação Francesa da Construção Civil realizou-se a conferência internacional da indústria.

Sabe-se que, há tempos, se efectuou uma conferência preparatória em Dusseldorf, na qual a federação alemã, de acordo com a holandesa, tomou o encargo de promover um reunião internacional. Foi designado o mês de dezembro, porém, o congresso reuniu-se em novembro, assistindo delegados das federações sindicalistas de vários países, e por isso se julgou oportuno realizar a conferência internacional.

Estiveram representadas as seguintes organizações: Federações da Alemanha, por R. Butz; da Suécia por F. Severin; da Holanda, por B. Lamsink; da França, pelos camaradas Jolvet, Vagneron, Boudoux e Boisson; de Portugal, por J. Miranda.

O delegado Peñalba, de Espanha, foi preso quando vinha a caminho.

O resultado da conferência foi a formação de um organismo internacional que recebeu o nome de Federação Internacional Sindicalista da Construção Civil.

As organizações referidas aderiram logo à nova Federação e espera-se que o mesmo façam brevemente outros organismos não representados, como os da Bélgica, Argentina, Brasil e México.

Foi nomeado um secretário por dois anos, sendo constituído por Lamsink, Jouve e Butz e a sede foi fixada na Holanda, onde se escolherá outro membro do secretariado.

A cota fixada é de 10 centimos holandeses por filiados. A acção e a finalidade desta organização internacional são: apoiar mutuamente a luta contra o capitalismo, questões de salários, horário e condições de trabalho, informações sobre imigração e emigração dos trabalhadores da indústria, apoio em casos de greve internacional, prática de boicote internacional, etc.

A F. I. S. C. C. aceita e segue os princípios da A. I. T., orientando assim a sua acção. Todas as organizações que aderiram à F. S. I. C. C. estão igualmente aderentes à A. I. T.—(Serviço de imprensa da A. I. T.)

BRINDES

A casa Liemens, Ld., enviou-nos um interessante calendário para 1927, que agradecemos.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Reuniu ontem o Conselho Confederal com a presença dos seguintes organismos: C. S. T. do Porto; União dos Sindicatos de Évora, Faro e Setúbal; Federações C. Civil, Rural, C. C. e Peles, Ferroviária, Marítima e Fluvial e Alimentação; Sindicatos Isolados dos Mineiros.

Foi largamente discutido o parecer do comité confederal sobre a redução da cota confederal, sendo aprovado por unanimidade.

Ainda sobre este assunto, como a redução da cota iria reduzir as receitas do Secretariado de Assistência Jurídica, e sendo atendível a precária situação dos presos, foi aprovado por unanimidade que a C. G. T. se dirija aos sindicatos sobre a solidariedade aos presos, e que preste a sua solidariedade moral ao Comité pró-presos e interceda nas suas conferências regionais.

O parecer sobre propaganda confederal sofreu discussão, tendo o delegado da C. S. T. do Porto apresentado uma proposta sobre a delegação confederal no Norte sobre a qual também incidia larga discussão, ficando este assunto para a próxima reunião devido ao adiantado da hora.

Camara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Amanhã, pelas 21 horas, reúne a comissão administrativa.

Na sexta-feira, à mesma hora, reúne-se o Conselho Geral, para continuação da discussão,—e conseqüente votação,—da circular sobre «Unidade Sindical» a enviar aos sindicatos.

Dada a transcendente importância do assunto em debate, é imprescindível a comparencia de delegados de todos os sindicatos aderentes.

Comunicações

Empregados de Hotéis e Restaurantes. Reuniu em Assembleia Geral no passado dia 12 do corrente, tendo aprovado o Relatório e contas referentes ao ano de 1926. Elegeram também os corpos gerentes que têm de administrar esta Associação durante o corrente ano, cuja eleição deu o seguinte resultado:

Asssembleia Geral: presidente, José Graça Pereira; 1.º secretário, António Joaquim Nunes; 2.º secretário, Adelino dos Santos. Comissão Executiva: presidente, Luciano Gil Montes; secretários, Augusto Rocha e José Sertage; tesoureiro, Ambrósio Rodrigues; vogal, Américo de Amorim. Comissão de Melhoramentos: presidente, Carlos de Almeida; secretários, José Joaquim da Silva Júnior e Ramiro Alvarez Fernandez; relator, Gaspar Caetano Sarmento; vogal, Domingos Ribeiro.

Resolveu mais que a posse se realize hoje, pelas 22 horas.

Convocações

Sindicato da Construção Civil.—Sessão Técnica.—Pelas 20 horas, tomam posse os delegados que foram eleitos para o corrente ano, devendo em seguida ser eleita a nova comissão administrativa.

Sessão Sindical de Belém.—Pelas 20 horas, tomam posse os camaradas eleitos para a nova comissão administrativa, após a qual se realizará uma comissão cessante.

Pessoal de câmaras da marinha mercante.—Comissão Administrativa.—Pelas 20 horas, para tratar de assuntos do máximo interesse.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação de Couros e Peles.—Conselho Federal.—Reúne-se amanhã, às 21 horas, para tratar da grave situação da indústria.

Federação Metalúrgica.—Conselho Federal.—Reúne na sexta-feira, pelas 20,30 horas, para prosseguimento da ordem de trabalhos do conselho pretérito.

Sindicatos da província

Rurais de Fronteira.—A assembleia geral deste organismo elegeu para os corpos gerentes os seguintes camaradas: Comissão Administrativa: presidente, António Martins Gades; secretário, Francisco Rodrigues Pimentel; tesoureiro, Marcel Teixeira; vogal, Joaquim Serafim e Joaquim Romão. Américo Pereira Carreiras e Gonçalo Rosa. Secretários da assembleia geral: João António Rodrigues e Manuel Calhau.

Sindicato Unico Metalúrgico do Porto.—Reúne-se a comissão administrativa deste Sindicato para dar posse aos novos eleitos para o ano corrente, ficando distribuídos os cargos como segue: Secretário geral, Vaz Osório; secretário adjunto, António Silva; secretário administrativo, Manuel Ribeiro; secretário arquivista e bibliotecário, Silvério Pinto Miranda; tesoureiro, António Libório; vogais, Abílio de Freitas e Francisco Gonçalves. Comissão de Propaganda e Melhoramentos: José Inácio Martins, Mário Ferreira, Ilídio Ferreira Aguiar, Filinto Ilisio de Almeida, Manuel Mesquita, Manuel Vieira e José Horta.

Delegados à Câmara Sindical do Trabalho: Vaz Osório, Dionísio Gomes e Mário Ferreira; respectivamente, pela comissão administrativa, conselho técnico e comissão de propaganda.

Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas de Almada.—Reúne em assembleia geral amanhã, pelas 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Apresentação de contas e eleição dos corpos gerentes; 2.ª Apreciação da atitude da nossa Federação para com a C. G. T.

Se não se realizar por falta de número, fica a mesma convocada para o dia 26, a mesma hora.

Sindicato Unico da Construção Civil de Évora.—Para eleição de novos corpos gerentes reuniu-se este sindicato em assembleia geral.

Constituída a mesa pelos camaradas Iná-

cio Murteira, João Empadinhas e Joaquim Farracha, respectivamente presidente, primeiro e segundo secretários, é lida e aprovada por unanimidade a acta da assembleia anterior.

Seguidamente procede-se à leitura do expediente que constava de um ofício da Bolsa de Trabalho, e de uma circular e um ofício da Federação de Indústria. O ofício da Bolsa, que se refere ao regulamento da Caixa de Solidariedade, ficou, por proposta de Joaquim Alves Barrão, para ser apreciado numa outra assembleia mais numerosa em virtude do seu conteúdo aludir a um assunto que possivelmente terá de ser tratado no Congresso da Indústria.

Apreciada a circular e o ofício da Federação, a assembleia satisfaz-se em saber que o débito do Sindicato para com aquele organismo está já liquidado, resolvendo-se que a circular seja apreciada numa próxima assembleia.

Procede-se em seguida à nomeação dos novos corpos gerentes que recaiu nos seguintes camaradas: Secretário geral, Joaquim Alves Barrão; secretário administrativo Bernardino José Alves; tesoureiro, Fortunato Melo; vogais, Joaquim José Farracha e Manuel Ferreira Macieira.

E seguidamente dada a palavra ao camarada Alves Barrão, que diz já há dois anos vir desempenhando o cargo para que acaba de ser nomeado, e se o aceita é para que os camaradas não possam fazer mau juízo da sua pessoa, e ainda por ter amor à causa, declarando ter feito sempre tudo o que tem podido pelo Sindicato e seus componentes. Declara ainda, que se mais se não tem feito é porque infelizmente o operariado da indústria não tem correspondido ao chamamento do Sindicato, e que se alguns camaradas se encontram lutando com falta de trabalho desse facto são eles os únicos responsáveis, pois que desde de Julho que se vem tratando de tão magno problema, e o operariado tem primado pela sua ausência.

Por último nomeia-se a comissão revisora de contas que é composta pelos seguintes camaradas: João Empadinhas, João Soares, e Henrique Pinto Serqueira resolvendo-se que a próxima assembleia se efectue no dia 18.

Juventudes Sindicalistas

Federação.—Conselho Federal.—Reúne na próxima sexta-feira, 21, pelas 21 horas com a seguinte ordem de trabalhos: Nomeação dos delegados à 1.ª Conferência regional do Comité Pró-presos. Apreciação do «referendum». Relatório do delegado ao Algarve. Relatório dos delegados ao Congresso da C. S. T. Bases da Comissão de Propaganda Juvenil do Sul. Assuntos diversos.

Atendendo à importância dos assuntos a resolver torna-se necessária a comparencia de todos os delegados.

Núcleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reúne hoje, pelas 20 horas.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O 7.º aniversário do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa

Comemorando o 7.º aniversário da constituição do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa, resolveram as comissões administrativas das secções profissionais, conselho administrativo do sindicato e conselho de secções dos mesmos organismos, levar à prática duas festas que terão lugar no próximo sábado 29 do corrente e domingo 30, com um programa escolhido. Esta festa, que é dedicada aos sócios do sindicato e suas famílias, tem o seguinte programa:

Sábado 29—Representação da comédia em 3 actos, *Quem o alheio veste* e a comédia em 1 acto, *Atribuições dum estudante*, desempenhadas pelo aplaudido Grupo Dramático Verdi.

Domingo 30—A's 16 horas, sessão solene, em que usará da palavra um elemento de destaque nas letras, inauguração da bandeira do sindicato, fazendo uso da palavra delegados de vários organismos para tal fim convidados.

Das 19 às 21 horas, concerto musical pela aplaudida Sociedade Filarmónica Verdi, que dignamente se presta a abrilhantar a nossa festa.

A's 21 horas, recita, subindo à scena o drama em 3 actos *A Louca*, desempenhada pelo amado grupo Solidariedade Operária. Haverá num dos intervalos uma sessão de ilusionismo pelo distinto amador José Pardo, que se presta a abrilhantar a nossa festa.

Por deferência com este sindicato abrilhanta o espectáculo o Grupo Musical «Os Bichinhos».

Brevemente serão distribuídos aos sócios os bilhetes de convite e programa. Este sindicato roga aos seus componentes que o possam fazer, nos enviarem algumas prendas para serem rifadas e leiloadas revertendo o seu produto para amortizar as despesas a fazer, revertendo o saldo, se o houver, em favor das escolas do sindicato.

O espectáculo de sábado é abrilhantado pela Troupe de Bândolistas 1.º de Maio.

Secção telegráfica

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL. Sindicato de Évora.—Podem efectuar a sessão. Segue delegado dia 21, comboio da manhã.

JUVENTUDES SINDICALISTAS. Núcleo do Porto.—Enviem credencial para o novo delegado ao Conselho.

INSTRUÇÃO

Em circular aos reitores dos liceus foi-lhes pedido que até 31 do corrente enviem à direcção geral de ensino secundário uma relação dos alunos matriculados no corrente ano lectivo, indicando-os por classes e por sexos, em cada uma delas.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias